

Sopa de letrinhas: a construção de um corpo-coro rumo ao letramento em diversidade na educação básica

ARTIGO

Manuela Rodrigues Santosⁱ 

Instituto Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil

Hannah Victória Santana Bittencourtⁱⁱ 

Instituto Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil

Samy Santos Peixotoⁱⁱⁱ 

Instituto Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil

Resumo

No Brasil, tornou-se corriqueiro ouvirmos críticas do tipo: “para que tantas letras na sigla que representa a diversidade?” Sempre em tom de deboche, acusam os LGBTIA+ de forçar a expansão das existências. Por isso, é importante dismantlar os estereótipos cristalizados no senso comum, que acabam alimentando a LGBTIAfobia. Para tanto, o presente trabalho tem como desenho metodológico a pesquisa de natureza aplicada, partindo da realidade para propor rodas de conversas e a construção de um glossário, que visam a ampliar o entendimento sobre gênero e diversidade junto à comunidade acadêmica do Instituto Federal de Sergipe, *Campus* São Cristóvão. Ao construir a realidade de novos discursos, desempenha-se um papel político e pedagógico central na formação do sujeito-gênero, do corpo-sujeito e da sexualidade. Por isso, constata-se a importância de tornar a escola um ambiente que desconstrua estereótipos, rumo ao respeito à diversidade e a uma escola cidadã para todas, todos e todes.

Palavras-chave: Letramento em Diversidade. Pedagogias *Queer*. Educação Básica.

Alphabet soup: building a body-chorus towards literacy diversity in basic education

Abstract

In Brazil, it has become common to hear criticisms such as: “Why so many letters in the acronym that represents diversity?” Always in a mocking tone, they accuse LGBTIA+ people of forcing the expansion of existences. Therefore, it is important to dismantle the stereotypes crystallized in common sense that end up fueling LGBTIAphobia. To this end, this work has as its methodological design applied research, starting from reality to propose discussion groups and the construction of a glossary, which aim to broaden the understanding of gender and diversity among the academic community of the Instituto Federal de Sergipe, *Campus* São Cristóvão. By constructing the reality of new discourses, a central political and pedagogical role is played in the formation of the subject-gender, the body-subject and sexuality. Hence the importance of making the school an environment that

deconstructs stereotypes towards respect for diversity and a civic school for everyone.

Keywords: Literacy Diversity. Basic Education. Queer Pedagogies.

1 Introdução

2

Um dos desafios para o ser humano no século XXI é aprender a conviver. Nesse aspecto, pensar a pluriversidade e entender os desafios de se lidar com a diferença tornam-se elementos fundamentais nesse percurso; principalmente no que se refere às questões ligadas aos gêneros, às sexualidades, às corporalidades. Enfim, existências outras para além do mundo cisheteropatriarcal que nos foi dado a conhecer. Por isso, há a necessidade de uma política da diferença capaz de reconhecer o outro, valorizá-lo em suas especificidades. Para tanto, é importante desmistificar as identidades, dismantelar os estereótipos cristalizados no senso comum que acabam alimentando LGBTIAfobia, violências e violações cotidianas. Eis a importância de se pensar o letramento para a diversidade como ferramenta de construção de um mundo mais justo, equânime e inclusivo.

Ao unir teoria e prática; ao articular pesquisa, ensino e extensão; ao desenvolver atividades significativas, somos capazes de construir espaços de transformação, mediadores entre o mundo externo e o mundo interno da academia. Desse modo, este projeto faz um convite: pensar as micropolíticas escolar e cotidiana, as narrativas por fazer e por escrever, as corporalidades, suas relações e a produção de conhecimento, de modo a estreitar a distância não só entre teoria e prática; entre academia e sociedade; mas também pensar estratégias e tecnologias outras de intervenção no mundo. Segundo Catherine Walsh (2009, p. 15), essas pedagogias decoloniais “integram o questionamento e a análise crítica, a ação social transformadora, mas também a insurgência e intervenção nos campos do poder, saber e ser, e na vida”. Assim, assegura Thiffany Odara (2020, p. 105), “a pedagogia da desobediência é muito mais que projeto acadêmico, é todo um movimento”; um movimento capaz de transformar a educação em uma prática de liberdade cuja potência nos permite pensar de forma diferente gêneros, sexualidades, corpos,

desejos, concretizando-se como um ato político e libertário por meio das vivências LGBTIA+ dentro da educação, estabelecendo conteúdos e linguagens diversas. Por isso,

é urgente pensar em uma educação que entenda as práticas de inclusão escolar e que desobedeça às ordens de um sistema hegemônico, marcado por diversas exclusões existentes para as populações que não respondem a determinados padrões normativos dominantes (Odara, 2020, p. 106).

No Brasil, seja no debate político rasteiro, seja no campo do entretenimento, seja no senso comum, tornou-se corriqueiro ouvirmos críticas do tipo: “para que tantas letras na sigla que representa a diversidade?” Sempre em tom de deboche, na intenção de ridicularizar a luta por inclusão, acusam os LGBTIA+ de forçar a barra na expansão das existências. Para York e Nolasco (2022, p. 23), as lutas dos movimentos sexo-gênero-orientação sexual dissidentes:

estabelecem pautas e exigiram o direito de: EXISTIR. E, existindo, lutam por qualidade de vida e por segurança jurídica, pelo direito de elaborar suas vidas sem patologizar seus corpos, sem ter que optar por trabalhos marginalizados, sem serem expulsos dos processos de escolarização, sem ser o alvo das balas que se “perdem”.

É claro que todas as corporalidades e existências não se reduzem às letras de uma sigla, mas ajudam na composição de uma sigla em expansão constante que sublinha a incoerência de um metro padrão calcado na cisheteronormatividade. “A sopa de letrinhas poderá ser dispensada quando não precisarmos mais classificar os corpos, porque todos os corpos terão se tornado livres” (York; Nolasco, 2022, p. 23). Constrói-se uma outridade como insistência na potencialidade de outro horizonte, de outro mundo possível. Ao construir a realidade de novos discursos por meio da pesquisa, do ensino e da extensão, desempenha-se um papel político e pedagógico central na formação do sujeito-gênero, do corpo-sujeito e da sexualidade, uma vez que gênero e sexualidade podem existir mesmo que não se falem neles, e inclusive é nessa situação que eles operam com mais vigor. Proibir que se fale em gênero e sexualidade não vai evitar que eles existam, mas não só

vai atrapalhar que se compreenda como atuam; como reforçará estereótipos, preconceitos que acabam alimentando as mais variadas formas de violência.

Por isso, a importância de tornar a escola um ambiente que problematize, reflita, desconstrua tais estereótipos rumo ao respeito à diversidade e a uma escola cidadã para todas, todos e todes. Desse modo,

4

a expansão de letras na sigla LGBTIA+ não cumpre apenas uma formalidade linguística, mas sinaliza a luta pela pluralização das existências. As sexualidades dissidentes, historicamente invisibilizadas ou aniquiladas pelas mortes físicas e/ou simbólicas, precisam firmar seus nomes (ainda que arbitrários e incompletos) e suas bandeiras para delimitar ações, sobretudo no campo das políticas públicas (York; Nolasco, 2022, p. 25).

Sendo assim, o projeto intitulado Sopa de Letrinhas: Letramento em Diversidade para Além do Senso Comum objetivou discutir conceitos e teorias que consubstanciam o debate sobre gênero, corpos, sexualidades e diversidade na atualidade; conhecendo os aspectos históricos e interseccionais que envolvem os diferentes pilares da diversidade e inclusão, os efeitos e impactos das desigualdades na sociedade. Isso possibilita um olhar e um habitar o âmbito educacional de uma outra maneira por meio das pedagogias *queer*, pois “queerizar” a escola é “*hackear* a normalidade, dissolver binarismos e articular alianças e redes” (Trujillo, 2023, p. 142). Como produto, elaborou-se um glossário para promover o letramento em diversidade junto à comunidade externa e acadêmica do IFS, *Campus São Cristóvão*. Criou-se, desse modo, uma linguagem outra que mostre não só a importância das subjetividades que se materializam nas letras, de modo que elas não se esvaziem frente ao senso comum; mas também desvele as diferentes formas de opressão, discriminação, tanto em sua presença quotidiana silenciosa quanto em sua forma mais perversa de violências e violações.

2 Metodologia

A pesquisa possui como desenho metodológico a abordagem qualitativa, pois enfatiza o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências. Como assegura Thiffany Odara (2020, p. 13), partilhar histórias de vida de quem habita as dissidências “é partir da compreensão dos códigos e dos signos que compõem nossos corpos transgressores, como esses são vistos pela sociedade e que lugar nela ocupam”. É uma pesquisa de natureza aplicada, já que parte da realidade para propor a aplicação de rodas de conversas e construção de um glossário, que visam a ampliar o entendimento sobre gênero e diversidade junto à comunidade acadêmica. Quanto aos objetivos, ela é também descritiva, já que visa a relatar os fatos sem interpretação pessoal, encaminhando-se no decorrer do projeto para uma análise explicativa avaliando os fatos de maneira mais aprofundada. Também se tomou como referência a metodologia do WASH, na qual os estudantes experimentam, vivenciam e produzem para aprender. Tudo em um ambiente no qual o método científico é valorizado e a autonomia do educando é incentivada.

O Dossiê de LGBTIAfobia Letal denunciou que durante o ano de 2023 ocorreram 230 mortes de pessoas LGBTIA+ de forma violenta no país. Dessas mortes, 184 foram assassinatos, 18 suicídios e 28 outras causas, reiterando o quanto nosso país ainda é um lugar inóspito para essa população. Além dos altos índices de violações de seus direitos. Esse cenário reitera a importância de se criar tecnologias de intervenção capazes de desenvolver o letramento em diversidade que possa desconstruir os estereótipos que povoam o imaginário social sobre as existências que compõem a chamada sopa de letrinhas.

Nessa perspectiva, foram realizados oito encontros do Grupo de Leitura Letramento em Diversidade de modo virtual, com a participação da comunidade externa e bolsistas do projeto. Além disso, realizamos dois encontros virtuais da atividade Sopa Convida Letrinhas com convidados externos e atividades presenciais no Laboratório de Linguagens, Letramentos e Literaturas – LabLilit abertas à comunidade escolar.

3 Resultados e Discussão

3.1 Sopa de Letrinhas: construindo tecnologias de intervenção

6

O projeto desenvolveu-se em duas etapas. Na primeira, realizou-se o grupo de estudo em diversidade com oito encontros, sendo seis virtuais com debate teóricos previamente estabelecidos, objetivando não só construir um discurso homogêneo, mas também nos fortalecer como coletividade, e dois em que convidávamos pessoas LGBTQIA+ para falar de suas vivências e os atravessamentos que marcam interseccionalmente nossas experiências de ser e estar no mundo.

Atividades que, segundo Cruz e York (2022, p. 75), favorecem “a reflexão e a desconstrução de preconceitos e discriminações no que diz respeito às pessoas que vivenciam gênero e sexualidade de modo diverso às perspectivas normativas”. Além dos já citados, houve encontros presenciais no Laboratório de Linguagens, Letramentos e Literaturas – LabLilit abertos à comunidade escolar. Constroem-se, então, espaços seguros no ambiente acadêmico para reflexões, para partilha de saberes e trocas.

Figura 1 – Encontros virtuais



Fonte: Pesquisadores, 2024.

Estar pautado em estudos acadêmicos para debater o que experienciamos em nossas próprias vidas fortalece nossa resistência a um meio necropolítico e reforça a necessidade de levarmos esses debates para mais pessoas, relacionando os textos com o que conhecemos na pele: a desumanização e as dificuldades da vida à margem de uma sociedade que sequer percebe nossa existência e as dificuldades advindas desse repúdio. A leitura do poema de Stella Carvalho nos traz a dificuldade de transitar o mundo patriarcal que nos é imposto, como uma criança cujo jeito de ver e agir não se conforma no papel que lhe é atribuído. E que, por isso, sofre na pele os traumas consequentes do simples desejo de ser criança livre no mundo que é dos homens. Onde recusar seu papel masculino e adotar qualquer coisa que desvie disso é um afronte capaz de custar sua própria vida (Bolsista 1, 2024).

Sopa Convida Letrinhas estreia com Kevin Martins, homem negro *gay*, que, a partir de seu lugar, nos fez pensar sobre os processos de subjetivação que desembocam no que chamamos de identidades ao mesmo tempo em que reiterou a potência de “acuirolombarmos” como estratégia de existência e resistência. Na sequência, recebemos Lorena de Castro, pessoa não binária, de gênero fluido, bissexual, autista e TDAH, que nos falou sobre os desafios enfrentados diariamente, principalmente em seu ambiente de trabalho. “Lorena nos lembra que ‘ser diferente’ do que é esperado de nós pode ocasionar resistências nos processos que, para pessoas cis, hétero, brancas e neurotípicas, não existiriam. Mas que devemos, por isso mesmo, nos fortalecer e ocupar esses espaços” (Bolsista 3, 2024).

À luz dessas vivências e das discussões ocorridas ao longo dos encontros, a normatividade e os estereótipos incrustados em práticas pedagógicas e currículos podem ser questionados e rompidos ao mesmo tempo em que expõem os aparatos da sociedade que precarizam a vida da população LGBTIA+. Segundo Maria Clara Passos em suas reflexões acerca das *Pedagogias das Travestilidades* (2022, p. 108), “ao desnaturalizar a desumanização como destino dado, essas outras possibilidades pedagógicas desvelam o histórico de violência vivido por travestis e transexuais [e demais dissidências]”, em nossa sociedade. Além disso, constroem tecnologias de intervenção capazes de enfrentar a ordem estabelecida.

Figura 2 – Card Sopa Convida Letrinhas



Fonte: Pesquisadoras, 2024.

Pensar as letrinhas é fazê-lo a partir de quatro conceitos norteadores que procuram dar conta da pluralidade de experiências humanas quanto ao gênero e à sexualidade: sexo anatômico, identidade de gênero, expressão de gênero e identidade/orientação sexual. Cada letra, a partir de suas especificidades, luta por uma existência digna e por respeito em uma sociedade cisheteropatriarcal, marcada pela colonialidade. Os relatos trazidos reiteram que, para além das letras, há subjetividades, corporalidades, desejos, vida e uma luta básica: o direito de existir. Como defende Gracia Trujillo (2023, p. 22), “necessitamos reconstruir alianças e construir outras novas, pensando em objetivos que nos unem mais do que em identidades. Avançar juntas em direitos e liberdades sem deixar ninguém para trás”. Mais do que pensar em identidades, mergulhar nas letrinhas é pensar as subjetividades, os desejos, as lutas e as violências que as atravessam quotidianamente.

3.2 Pensar-se coletivamente: a construção do grupo de estudo

9 A experiência LGBTIA+ em uma instituição de ensino pode ser muito desafiadora, e, por vezes, solitária. Imagina então uma experiência trans! As dissidências de gênero no ambiente educacional é algo relativamente novo, e não é nada fácil ser pioneiro. Ser um dos primeiros estudantes transmasculinos me levou a conversas e experiências muito boas, mas também a outras muito ruins. Quando foi a minha vez de fazer uso de nome social, de usar o banheiro adequado, ou de avisar a professores e colegas sobre a mudança de pronomes ao tratar comigo, já havia precedentes – um egresso do curso técnico e uma professora, na época afastada por conta do doutorado. E eu queria dizer que isso apenas facilitou as coisas, mas as experiências que, principalmente técnicos e professores tiveram com os que vieram antes de mim, facilitaram por um lado, no entanto nivelaram os discursos que, tenho certeza, na maioria dos casos, eram só ignorância, mas acabaram sendo, no mínimo, invalidantes para a minha experiência individual, já que cada experiência transgênero é diferente.

preciado diz:
então a nação existe.
o arquivo existe.
o mapa existe.
o documento existe.
a família existe.
a lei existe.
a fronteira existe.
a ciência existe.
até deus existe.
mas
meu corpo trans
não
existe?
(Dada Galvão Cartaxo *apud* Pfeil *et al.*, 2023, p. 22).

Por mais que meu desejo inicial fosse só tentar educar o outro e seguir em frente, tinha em mente que eu não era o único enfrentando essas pequenas violências. E que elas podem ser ainda piores com alguém que não é visto como branco, ou que faz o caminho oposto, a transfeminilidade. Assim, aconteceram episódios que precisavam ser

denunciados, pois não deveriam mais ocorrer. Desse modo, fui provocado a agir da forma que cabia a um militante. Nessas tentativas, descobri que não adiantava apenas informar, tentar educar extinguindo a ignorância a respeito. Nem mesmo apelando para a empatia. O ódio usa vendas e tampões nos ouvidos. Se você grita sozinho, pode esferneçar à vontade, você ainda é só mais um que reclama mudanças que não verá no seu tempo. Houve então o desestímulo. Quando invalidado ou provocado à ação pelo próximo, já não sabia mais o que fazer nem mesmo tinha forças para agir. Eu me enxergava só e fraco.

fazer do meu um corpo impossível
ser absurdamente um corpo
transitar entre mundos
fazer do corpo um mundo

fazer de mim uma possibilidade
um corpo em trânsito no mundo
como todos os corpos afinal
caminham
ou deveriam

fazer do meu corpo o impossível
criar em mim possibilidade
um trânsito em movimento
contínuo
(Floresta *apud* Pfeil *et al.*, 2023, p. 20).

Em um desses dias em que me vi exatamente assim, fui convidado a participar de um projeto em que minhas experiências e, especialmente, minhas inquietações, não só eram bem-vindas como desejadas. Abriu-se, então, um caminho de resistência e enfrentamento. Nem mesmo a greve foi capaz de nos parar. Nesse grupo, composto por uma técnica em assuntos educacionais, duas professoras, uma delas trans, e cinco estudantes, com apenas uma sendo cis, começamos nossas leituras acadêmicas e poéticas sobre o que significa ser LGBTQIA+. Debates os motivos para sermos um grupo minorizado nessa sociedade construída para esmagar qualquer um que seja “diferente” do homem-branco-cis-hétero que tem dinheiro e poder. Vimos como o discurso do que é “normal” ou “natural” existe apenas para legitimar a desumanização da diversidade, e que é justamente nessa diversidade que se assenta nossa força e nossa beleza. Foram trocas de experiências e reflexões que nos fizeram enxergar nossa potência

individual e como um grupo, estreitando tanto nossas relações quanto nossos discursos e tornando-nos mais fortes e mais cientes de nosso papel na luta para fazer a diferença e tecer um futuro melhor no qual a diversidade represente o que ela é: grandeza!

Figura 3 – LabLilit



Fonte: Pesquisadoras, 2024.

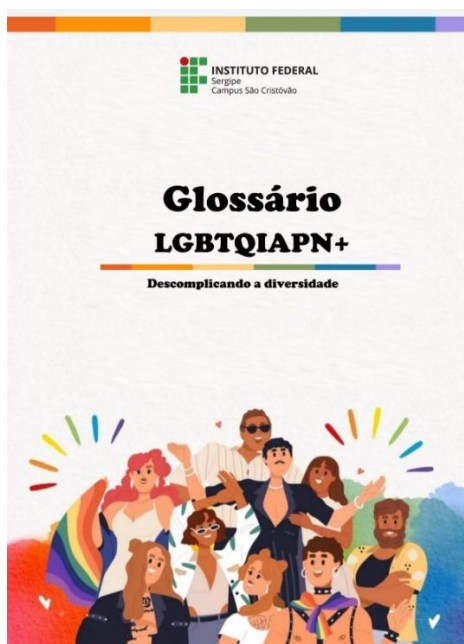
Nosso pequeno grupo, no qual a cisgeneridade é a exceção, tem como objetivo tanto nos aproximar em discurso e vivência quanto fazer algo tão necessário: derrubar o pré-conceito sobre a população LGBTQIA+ no público jovem. A discriminação pela ignorância, que acreditamos que seja o tipo mais comum de intolerância, é também o mais passível de mudança. E quem seria melhor do que nós para falar de nós mesmos? Essa experiência alcançada graças a um projeto de pesquisa é solo fértil para crescermos, para encontrarmos nossa voz e para revelarmos nossas potencialidades. Convém destacar que, sem esse espaço seguro, encontraria apenas o duro chão onde secam e morrem tantas outras sementes, esperanças de um mundo melhor, seja dentro ou fora das instituições de ensino.

3.3 A construção do glossário: vivências

A construção do glossário foi importante, pois tanto significou o momento de operacionalizar as discussões realizadas anteriormente quanto o período de pensar o impacto desse movimento em nosso próprio fazer e em como isso poderia reverberar em ações futuras. Compreendem-se essas ações como produtoras de novas discursividades e como ferramentas para a transformação da realidade opressora LGBTIAfóbica.

12

Figura 4 – Capa do glossário



Fonte: Pesquisadoras, 2024.

No que se refere aos participantes, observa-se que puderam conhecer melhor a definição das letras presentes na sigla LGBTIA+, obtendo uma melhor compreensão do significado e da importância de cada uma delas e os desafios que enfrentam na sociedade. Embora diferentes, há questões e lutas que nos atravessam de forma semelhante. A junção da pesquisa técnica e científica com a extensão me possibilitou enxergar de uma

forma melhor todas as batalhas históricas que cada letra presente na sigla carrega na sua formação. Assim, defendem York e Nolasco (2022, p. 22) que:

a diversidade – que é uma consequência da vida enquanto produção de diferença – demanda não apenas aceitação/assimilação/integração benevolente nos espaços institucionais, como as escolas e as universidades, por exemplo, mas exige de nós um compromisso com a transformação das mentalidades e com a viabilização de políticas públicas que garantam o direito de todos os corpos à saúde, à segurança, ao trabalho formal e, principalmente, à educação.

A forma como o projeto foi trazendo personalidades que compõem a comunidade originou uma compreensão dinâmica e eficaz para um melhor estudo de cada letra, resultando no final um glossário baseado em pesquisas e leituras acerca do tema para ser utilizado para o letramento em diversidade em escolas da educação básica. As palestras referentes ao projeto Sopa Convida Letrinha, as poesias, as rodas de leitura sobre a temática diversidade e a construção do glossário baseado nas nossas vivências cotidianas acerca do tema diversidade sexual possibilitaram uma melhor compreensão acerca de toda uma história por trás dessa temática e um olhar mais crítico acerca dos discursos e da possibilidade de se construir tecnologias de intervenção capazes de impactar diretamente na forma como a sociedade se relaciona com nossas existências.

A extensão desse projeto traz consigo uma marca inigualável de educação de gênero e orientação sexual tanto na forma técnico-científica como empírica, para os educandos, educadores e o público geral, devido, sobretudo, à reeducação acerca do tema diversidade para além do senso comum. Essa multiplicação trouxe consigo um debate e uma melhor compreensão do significado de cada letra para a formação da comunidade LGBTIA+ para todo o corpo integrante do projeto. No final, pude enxergar que cada letra traz consigo batalhas e lutas históricas que ainda precisam ser combatidas, por meio da criação de políticas públicas que assegurem seus direitos na sociedade. Ademais,

a publicação do glossário representa o resultado dos nossos encontros. Da escuta atenta dos nossos pares, do acolhimento de nossas experiências e propostas. Uma conquista de falarmos de nós mesmos e dos nossos iguais. Creio que o glossário pode se tornar uma ferramenta no letramento LGBTIA+ para a comunidade do IF. Tanto para o público a que se destina, os estudantes, quanto

para os professores que precisam ter contato e se aprofundar nas questões de gênero e sexualidade. Para poder ensinar sobre diversidade, e não perpetuar ideias e conceitos errôneos sobre a comunidade, além de saber como lidar melhor com a diversidade de corpos de seus estudantes (Bolsista, 2024).

14

Durante o percurso do projeto, constatei que as pedagogias *queer* “colaboram para que gêneros e sexualidades se incorporem à agenda educacional, não apenas como conteúdo, mas também como formas de repensar algumas das categorias deste campo, tais como o ‘conhecimento’ e o ‘ensino’” (Trujillo, 2023, p. 142). Ademais, detectei diferentes dilemas sociais presentes nessa temática, que corrobora para a geração de vulnerabilidades múltiplas na vida das pessoas que fazem parte da comunidade LGBTIA+. Identifiquei também a exclusão social que elas sofrem todos os dias, pelo fato de serem quem são e, assim, pude criar métodos e mecanismos que não me levem à imparcialidade; mas à ação, pois a garantia de liberdade precisa ser uma luta contínua. Desse modo, a:

construção deste glossário traz o poder de excluir a rotulação singular sexual ou gênero de pessoas, fugindo da cisheteronormatividade excluindo assim os pensamentos héteros padrões. A publicação deste glossário mostra e origina uma nova forma e olhar para o letramento em diversidade para toda a comunidade acadêmica do IFS. O glossário mostra-se uma ferramenta auxiliadora para que a comunidade possa aprender o significado de cada lettrinha, e assim excluir ou minimizar termos e significados errôneos atribuídos à comunidade LGBTIA+. “É um ‘meio’ de inclusão e educação para buscar reduzir o preconceito. E proporcionar às pessoas compressão mais clara dos conceitos e termo que envolvem a comunidade LGBTIA+” (Bolsista 2, 2024).

4 Considerações finais

O Brasil segue sendo um dos países mais inóspitos para as existências LGBTIA+. Assustadoramente, em 2023, a cada 38 horas, alguém da comunidade é assassinado, sem esquecer os altos índices de violação dos direitos humanos sofridos. De acordo com um levantamento feito pelo LinkedIn em 2022, 43% das pessoas LGBTIA+ entrevistadas declararam já ter sofrido discriminação em ambiente de trabalho, principalmente por meio de piadas e comentários LGBTIAfóbicos. Como se pode observar, a LGBTIAfobia fornece sentidos e tecnologias para a reprodução das formas de desigualdade e violências que

moldam a vida social e impactam a formação de cidadãos. E isso só tende a piorar diante do atual cenário de levante conservador e antigênero que vem assolando o Ocidente, recrudesando ações em uma perspectiva ainda mais violenta, LGBTIAfóbica e de desmonte de direitos já conquistados.

Por isso, observamos a importância de ações concretas por meio de uma escola que promova o respeito como direito e não como tolerância, reiterando o nosso direito de existir e ter condições de cidadania. Desmistificar as existências LGBTIA+ é possibilitar que os estudantes possam tornar-se antiLGBTIAfóbicos e possam promover um ambiente inclusivo, diverso e equânime tanto como sujeitos que intervêm no mundo quanto como profissionais no mundo do trabalho.

Referências

CRUZ, Paula Beatriz de Souza; YORK, Sara Wagner. O corpo trans na educação e a luta anti-LGBTIfóbica. In: YORK, Sara W; SILVA, Sérgio Luiz B. da S.; NOLASCO-SILVA, Leonardo. **Gênero e sexualidade na educação**. Salvador: Devires, 2022. p. 71-90.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência**: travestilizando a educação. Salvador: Editora Devires, 2020. 129p.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogias das travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. 126p.

PFEIL, Bruno Latini *et al.* (org.). **Estudos transviades**: masculinidades outras. Uberlândia: O sexo da palavra, 2023. 224p.

TRUJILLO, Gracia. **O feminismo queer é para todo mundo**. Tradução: Djalma Thurller e Helder Thiago Maia. Salvador: Devires, 2023. 162p.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

YORK, Sara Wagner; NOLASCO, Leonardo. Escolas para todas, todes, todxs e todos: uma conversa preliminar sobre gêneros e sexualidades. In: YORK, Sara W; SILVA, Sérgio Luiz B. da S.; NOLASCO-SILVA, Leonardo. **Gênero e sexualidade na educação**. Salvador: Devires, 2022. p. 15-26.

ⁱ **Manuela Rodrigues Santos**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2506-584X>

Instituto Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão

Graduada em Letras (UFS), Mestre em Sociologia (UFS) e Doutora em Literatura (UnB). Atua como professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Sergipe. Desenvolve estudos ligados a Poéticas Contemporâneas, Teoria, Políticas e Pedagogias Cuir, Estudos Trans, Transfeminismos.

Contribuição de autoria: orientação, escrita do texto e revisão geral.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6532768296104142>

E-mail: manuela.rodrigues@ifs.edu.br

ⁱⁱ **Hannah Victória Santana Bittencourt**, <https://orcid.org/0009-0008-9331-9497>

Instituto Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão

Graduanda do Curso Superior em Tecnologia em Alimentos (IFS, São Cristóvão). Possui formação Técnica em Química (IFS, Campus Aracaju) e Agroindústria (IFS, São Cristóvão).

Contribuição de autoria: escrita da seção que trata da construção do glossário, com ampliação das análises e discussões.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2509411077603320>

E-mail: hannah.bittencourt864@academico.ifs.edu.br

ⁱⁱⁱ **Samy Santos Peixoto**, <https://orcid.org/0009-0009-4038-3505>

Instituto Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão

Graduando do Curso Superior em Tecnologia em Agroecologia (IFS, São Cristóvão). Ativista e Militante pelos direitos das pessoas LGBTQIAPN+.

Contribuição de autoria: escrita da seção que trata da construção do grupo de estudo, com ampliação das análises e discussões.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2564103546329813>

E-mail: samy.peixoto051@academico.ifs.edu.br

Editora responsável: Genifer Andrade.

Especialistas *ad hoc*: Priscila Nunes Brazil e Fabio Zoboli.

Como citar este artigo (ABNT):

SANTOS, Manuela Rodrigues; BITTENCOURT, Hannah Victória Santana; PEIXOTO, Samy Santos. Sopa de letrinhas: a construção de um corpo-coro rumo ao letramento em diversidade na educação básica. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e15277, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/15277>

Recebido em 22 de março de 2025.

Aceito em 09 de maio de 2025.

Publicado em 25 de julho de 2025.